

# Uma estrela entre Collor e FHC



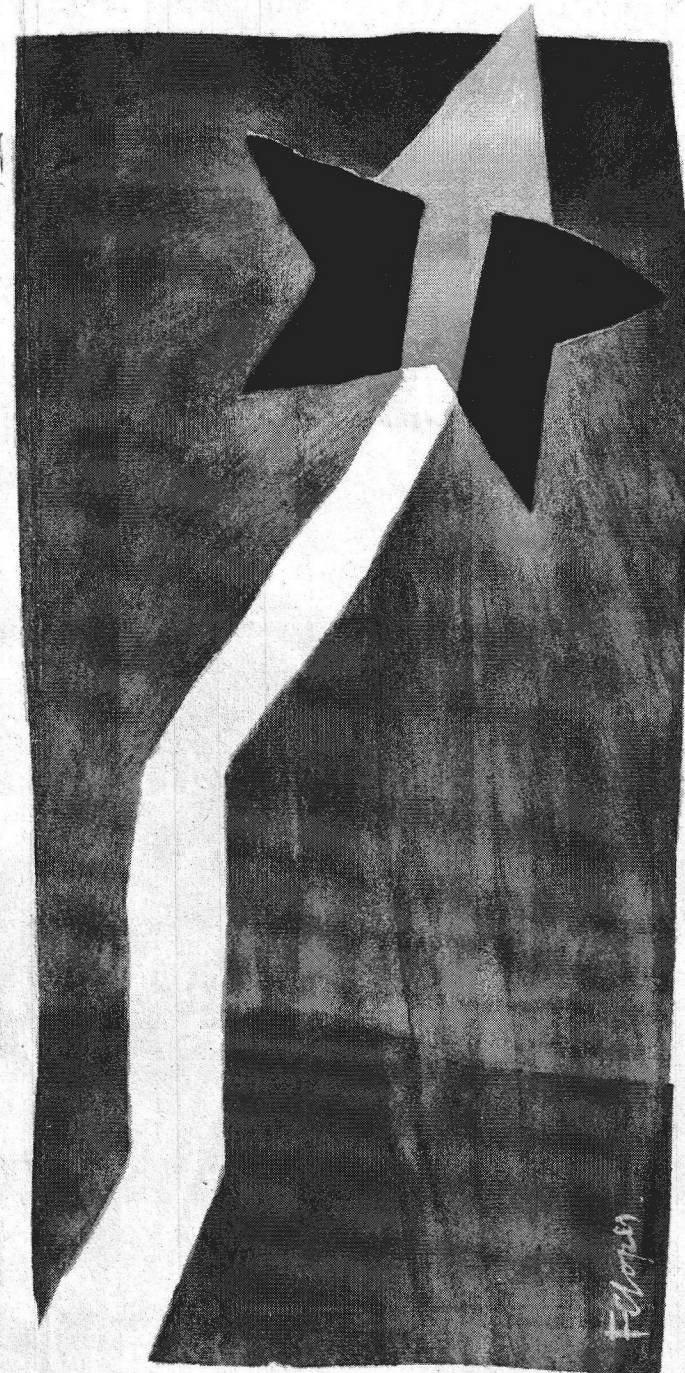
MAURÍCIO CORRÊA  
Advogado

Itamar Franco exerceu a Presidência da República com invulgar senso de responsabilidade e pragmatismo. Impaciente com a crise econômica que devastava o país, tratou logo de encontrar meios de combatê-la. Não fez disso alarde nem tampouco posou de milagreiro. Após experiências frustradas de nomeações no Ministério da Fazenda, optou, finalmente, por deslocar Fernando Henrique Cardoso da pasta das Relações Exteriores para a Fazenda. Antes de anuir ao convite, receoso e hesitante, porém, estimulado, em seguida aceitou.

Era necessário exorcizar a urucubaca que pairava sobre o setor. Com liberdade dada por Itamar, constituiu FHC imediatamente a equipe que se encarregaria de dar cabo ao caos econômico. Nascia o formato do que viria a ser o Plano Real. O que sucedeu em seguida toda a nação acompanhou. Os resultados foram mais do que auspiciosos. O Brasil saía, enfim, do atoleiro inflacionário em que se meteu por dezenas de anos e se afastava do pandemônio da insegurança econômica. A comunidade internacional começava a apostar na recuperação da economia brasileira.

Se existe uma coisa que hoje ninguém conscientemente deseja mudar é a política do real. Nenhum candidato à Presidência da República, após Itamar, teve a ousadia de propor alterações em sua base estrutural. Veio para ficar, e aí está. Se, de um lado, Itamar teve disposição e audácia para enfrentar o monstro que minava a economia nacional, arrostando-o com a nova política monetária, e derrotá-lo, a Fernando Henrique coube, por outro, a missão de aperfeiçoar a estratégia que concebeu o real, consolidando-a cada vez mais.

Afinal, o programa deu certo. Impunha-se priorizá-lo e defendê-lo com zelo e firmeza. Tornou-se fundamental que a filosofia que o inspirou fosse mantida.



A seguir, as iniciativas tomadas no campo das reformas constitucionais foram de importância capital para viabilizar a exclusão do país do atraso econômico. Seria injusto não se creditar a Collor os primeiros passos dados na busca da inserção do Brasil na rota do desenvolvimento e da modernidade. Foi dele a visão precursora desse norte.

A campanha de Lula ao Planalto em 2002 não combateu o real. Muito menos o fez na campanha eleitoral do ano passado. Apoiou-o. Instalado no poder, cuidou de complementar as reformas constitucionais reclamadas para ajustar o país às conveniências do mundo globalizado.

Teve mais sucesso que seu antecessor, que não conseguiu, por exemplo, emplacar a reforma previdenciária, por falta de respaldo parlamentar. Lula conseguiu, ainda que a trancos e barrancos.

Para entender o que se tem alcançado em termos de sucesso gerencial do país, não se pode deixar de registrar as contribuições que a ele se agregaram vindas de Collor a FHC. É desse conjunto de ações que se pode dizer haver chegado a nação ao estágio de bom comportamento da economia e do respeito que dele passou a ter o mercado internacional. Seria insensatez achar que Lula, igualmente, não

tenha se empenhado na sementeira que só agora começa a germinar. A participação de todos, contudo, é que reuniu condições para que, a partir de agora, possa a sociedade usufruir das medidas adotadas.

O que ninguém contava fora dessa constatação, todavia, é com a fulgurante estrela de Lula. Nunca pareceu que pudesse sair ileso das estocadas disparadas pelas CPIs do curso do primeiro mandato. Apenas pequenas escoriações resultaram dos embates. Vencidas as etapas dos bombardeios que freqüentemente surgem e se desfazem, o horizonte lhe tem sido promissor. Em sua gestão, a economia mundial lhe tem escancarado as portas. A avidez pelos produtos primários e manufaturados brasileiros estendeu-lhe generosamente as mãos. Dessa evidência origina-se o fortalecimento contínuo das exportações. Nunca em tempo algum as reservas nacionais se elevaram tanto.

A tudo isso, ainda se acresce o despertar da consciência mundial pela conservação do planeta. Pioneiro entre as nações em tecnologia de produção de álcool como combustível alternativo, passou o Brasil a ser objeto de atenção por países do porte dos EUA, Alemanha, França e outros. Do mesmo modo, são excelentes as experiências brasileiras com o biodiesel. Nesse terreno, o Brasil é insuperável. Além das condições climáticas inteiramente favoráveis, com muito sol e excelente ciclo de chuvas, o país tem potencial para produzir etanol suficiente para satisfazer o consumo interno e abastecer boa parte do mercado mundial.

Não é à toa que Bush visitou o Brasil. Não é sem razão que Lula foi o único presidente de um país latino-americano a ser recebido por ele em Camp David. O dólar despenca. O real se valoriza. A inflação é baixa. O PIB, repescado, passou de mal a melhor. O FMI acena com progressão do crescimento nacional. O risco Brasil, que é forma de medir nossa credibilidade, ronda a casa dos 150 pontos — um patamar inédito. Não bastasse, a safra de grãos deste ano deve bater o recorde com 131 milhões de toneladas.

Ainda bem. Vai ter sorte assim na China.